

MOVIMENTO DO RESIDENTE E A CONSTRUÇÃO DA CULTURA TURÍSTICA: UM ESTUDO CRÍTICO-DIALÉTICO A PARTIR DE MANIFESTAÇÕES POPULARES DE SALVADOR-BA

*RESIDENT'S MOVEMENT AND THE DEVELOPMENT OF THE TOURIST CULTURE:
A CRITICAL-DIALECTIC STUDY BASED ON POPULAR DEMONSTRATIONS IN
SALVADOR-BA*

Moabe Breno Ferreira Costaⁱ. Maria Lucia Bastos Alvesⁱⁱ

Palavras-chave	Resumo
<i>Manifestações Populares. Produção de sentidos. Cidade turística. Cultura turística. Construções identitárias.</i>	O processo de construção das manifestações populares de Salvador-BA e sua estruturação como eventos turísticos é a problemática que impulsiona este artigo – uma narrativa interdisciplinar que correlaciona autores que refletem sobre turismo, cultura e produção de sentidos. O objetivo é discutir como o movimento de residentes coopera para a produção da cultura turística em Salvador. Definiu-se como amostragem, a Lavagem do Bonfim, a segundo maior festa popular do destino, e o Festival Virada Salvador, o mais recente atrativo do calendário institucional, para representar o objeto de estudo: manifestações populares de Salvador inseridas no calendário turístico da Prefeitura Municipal. O estudo segue o método crítico-dialético, cujos procedimentos operacionais são pesquisas bibliográfica e documental, entrevista ao então secretário municipal de Cultura e Turismo e observação participativa nas manifestações populares consideradas pela gestão como atrativos turísticos. O artigo contribui com uma discussão sobre cultura turística a partir das tradições e dinâmicas cotidianas do residente e com a compreensão da cidade turística como um composto orgânico que deve interconectar encantamentos e operacionalidades de modo a estimular pulsações vitais que produzem sentidos sociais. Nesta interconexão, estão elementos que constituem os movimentos culturais dos residentes e cooperam para construções identitárias, fomentam processos de inovações e fortalecem a competitividade do destino. Entre eles, estão história, tradições, cotidiano, estruturas urbanas, manifestações populares, além de relações e conflitos socioeconômicos e políticos.
ISSN 2594-8407	
Revisado por pares Submetido 03/03/2021 Aprovado 21/05/2021 Publicado 11/06/2021	

Keywords	Abstract
<i>Popular demonstration. Production of meanings. Tourist city. Tourist</i>	<i>The process of building popular demonstrations in Salvador-BA and structuring them as tourist events is the issue that drives this article - an interdisciplinary narrative that correlates authors who reflect on tourism, culture and the production of meanings. The objective is to discuss how the residents' movement cooperates for the production of tourist culture in Salvador. Two important</i>

culture. Identity constructions.

cultural events – the religious celebration called Lavagem do Bonfim which is the second most popular party in Salvador and also the most recent event in the institutional calendar, called Festival Virada Salvador - were chosen as samples to represent the object of study: popular manifestations of Salvador inserted in the tourist calendar of the City Hall. This study follows the critical-dialectical method, whose operational procedures are bibliographical and documental research, interview with the then municipal secretary of Culture and Tourism and participative observation in popular manifestations considered by the management as tourist attractions. The article contributes with a discussion on tourist culture from the resident's daily traditions and dynamics and with the understanding of the tourist city as an organic compound that must interconnect enchantments and operationalities in order to stimulate vital pulses that produce social meanings. In this interconnection, there are elements that constitute the residents' cultural movements and cooperate in identity constructions, foster innovation processes and strengthen the destination's competitiveness. Among them are history, traditions, daily life, urban structures, popular demonstrations, as well as socio-economic and political relations and conflicts.

INTRODUÇÃO

As culturas e os discursos da cidade são construídos na medida em que esta vai assumindo suas formas e vocações e definindo suas funções, atribuições e valores. Nesta dinâmica, formada pelo movimento dos seus residentes e de suas relações, surgem representações mentais e objetais que atribuem sentidos ao lugar. Em uma cidade como Salvador, capital da Bahia, o maior centro receptivo do Nordeste brasileiro (Ministério do Turismo, 2015), nestes movimentos, constituídos pela conexão entre história, tradições, estruturas urbanas, manifestações populares, cotidiano, relações e conflitos socioeconômicos, identificam-se diferentes modos de vida e discursos que constroem múltiplas realidades, cujos signos se reverberam na cultura turística.

Na capital baiana, elementos que produzem encantamentos, tais como religiosidade, natureza, arquitetura, estão imbricados a aspectos econômicos e infraestruturas que permitem o contínuo fluxo de pessoas, elementos de representação e moedas, além das instituições sociais e delimitações políticas que geram as normas de estruturação e funcionamento da cidade, que se comporta como um composto orgânico. Mas, como o movimento dos residentes contribui para fomentar sentidos turísticos ao destino? Diante desta questão, o objetivo principal deste artigo é discutir como o movimento do residente coopera para a produção da cultura turística de Salvador.

O objeto de análise são as manifestações populares do destino que integram o calendário de eventos turísticos instituído pela Prefeitura Municipal. A pesquisa segue o método crítico-dialético, cujos procedimentos operacionais são pesquisas bibliográfica e documental, entrevista ao então secretário municipal de Cultura e Turismo e observação participativa nas manifestações populares consideradas pela gestão como atrativos turísticos. Definiram-se como amostragem a Lavagem do Bonfim, a segunda maior festa popular do destino, e o Festival Virada Salvador, o mais recente atrativo do calendário institucional.

Considera-se que o conjunto de habilidades e conhecimentos construídos pela população, poder público e empresários coopera para a construção da cultura turística local e fomenta sua dinâmica contemporânea. Tal expertise contribui para a construção de sistemas de inovações que possibilitam ao destino ativar sua hospitalidade, atualizar seu posicionamento no cenário nacional e mundial e assegurar seu potencial competitivo.

Esta reflexão está centrada no quarto tópico. Com o título ‘Apego às tradições e inovações representam a cultura turística de Salvador’, apresentam-se os resultados e discussões da pesquisa. Nesta seção, estão descrições do processo histórico de construção das manifestações populares da amostragem. A metodologia e os procedimentos operacionais que possibilitaram tais considerações estão contextualizados no terceiro tópico: ‘Dinamicidade dos fenômenos culturais na ambiência dos eventos festivos da cidade de São Salvador –BA’.

Já no fragmento a seguir, que trata da revisão de literatura – ‘Produção de sentidos do lugar e as fronteiras culturais da cidade turística’ – apresentam-se estudos que direcionam e fundamentam as reflexões e considerações desde artigo. As obras que tratam de cultura e produção de sentidos, a exemplo de Bourdieu (1998), Certeau (1999), Hall (2003) e Eagleton (2005), geram análises sobre desenvolvimento e transformações sociais, compreendendo a inter-relação entre aspectos da política, economia, relações humanas, história, cotidiano, entre outros fatores.

Neste sentido, encontra-se uma conexão com as produções que discutem o turismo, como Gertz (2008), Cooper, Hall e Trigo (2011) e Lohmann e Panosso Neto (2012). Nestas obras, o turismo representa uma construção cultural que parte das relações sociais, econômicas, políticas, tecnológicas e humanas. O mesmo direcionamento se encontra nas obras referentes à baianidade (Moura, 2011; Guerreiro, 2005; Silva, 2005; Sá, 2006). Portanto, tem-se uma narrativa interdisciplinar, reunindo produções que caracterizam a metodologia crítico-dialética que conduz a linha de pensamento deste construto.

PRODUÇÃO DE SENTIDOS E AS FRONTEIRAS CULTURAIS DA CIDADE TURÍSTICA

Os movimentos realizados por habitantes de uma cidade produzem sentidos sociais quando constituem culturas genuínas e promovem relações específicas com o mundo. De acordo com Cooper, Hall e Trigo (2011, p.73), “a noção de sentido do lugar é normalmente aplicada no contexto das pessoas que vivem em base permanente em uma localidade e reflete como elas se sentem em relação às dimensões físicas e sociais de sua comunidade”.

Na equivalência entre Bourdieu (1998) e Foucault (2007), compreende-se que os sentidos correspondem a perspectivas culturais construídas por meio de elementos de representação que estão nas práticas sociais e nas formulações cognitivas. Elementos de representação de uma cidade podem atrair visitantes quando, organizados em discursos, apontam para sentidos do lugar.

Portanto, o movimento produzido pelos residentes corresponde a um ciclo contínuo entre práticas sociais e produções discursivas, que se alimenta e se atualiza por meio das transformações locais e suas conexões como o mundo, gerando processos de inovações

culturais. De acordo com Foucault (2007), o discurso se materializa na cultura. Para propor sentidos ao lugar, o discurso deve ser organizado, selecionado e redistribuído a partir de procedimentos que têm por finalidade delimitar as representações dos acontecimentos sociais, edificando verdades e, conseqüentemente, construindo realidades.

A organização do discurso interfere nas formas como os signos da cultura são percebidos pelos interlocutores internos e externos da cultura, gerando uma sistemática que permite a produção de sentidos sociais.

O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim, tomar forma de discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si. (Foucault, 2007, p.49)

No processo de construções de verdades, está a organização dos elementos que permitem a disseminação de modos de controle, classificações e delimitações dos aspectos que caracterizam a cidade turística. Na relação entre Certeau (1999) e Eagleton (2005), considera-se que a cidade corresponde à produção de um espaço próprio, realçando aspectos ambientais e comportamentais que comprometem a dinâmica urbana, incluindo, táticas de cidadãos e organizações que tentam reproduzir opacidades da história, gerando conflitos.

Assim, ratifica-se que os processos sociais constituem culturas específicas da cidade que assumem discursos próprios. Por este caminho, reflete-se que o movimento dos residentes é o eixo central da dinâmica turística, pois se trata do “reflexo de práticas sociais e que envolve também representações sociais” (Lohmann e Panosso Neto, 2012, p. 92). As cidades se tornam turísticas na medida em que os grupos que a dinamizam criam processos próprios de produção e de convivialidade, capazes de estabelecer relações com o exterior e de gerar fluxos de signos, pessoas e moedas.

Nas trilhas de Hall (2003), compreende-se que a cidade turística assume identidades múltiplas na medida em que suas culturas vão se modificando, a partir da própria dinâmica e de suas relações com as transformações do planeta. Produções econômicas, estruturas urbanas, organizações políticas, tradições, patrimônios, manifestações populares, tecnologias, formas comunicativas, cotidiano, lazer, conflitos... são representações mentais e objetivas das localidades (Bourdieu, 1998).

Quando estruturados em comunicações, de acordo com objetivos e intenções dos grupos sociais ou organizações de poder, como uma Prefeitura Municipal, constituem discursos performativos que constroem realidades e permitem compreender a cidade como um sistema social organizado formado por múltiplas culturas.

Na abordagem de Lemos (2001) sobre Lynch (1997), tem-se que as cidades podem ser caracterizadas por três diferentes aspectos: cósmico, prático e orgânico. O primeiro compreende subjetividades e encantamentos que compõem a área de sedução da cidade, envolvendo fatores que despertam percepções (paisagens, tradições, clima, cores, sabores, aromas). O aspecto prático relaciona-se à funcionalidade. Compreende estruturas e artefatos

que asseguram o funcionamento da cidade, como a totalidade de serviços públicos e privados e os próprios espaços onde a cultura se materializa.

Por fim, o aspecto orgânico está associado à sistematização da cidade. Envolve conceitos, mecanismos, leis, tradições, crenças, rotinas e sistemas de normas sociais que asseguram e impulsionam processos que formam as culturas. O aspecto orgânico corresponde às próprias organizações e instituições sociais bem como aos movimentos cotidianos que fazem a cultura pulsar. Trata-se da mola propulsora que torna a cidade peculiar e permite a totalidade de ações que compõem a sua dinâmica e, em consequência, suas identidades culturais. De tal modo, a cidade assume um contínuo processo de atualizações que materializa práticas sociais, com suas potencialidades e complexidades.

Por este caminho, Costa (2017a) propõe que os sentidos produzidos por uma cidade turística envolvem interdependências entre elementos que compõem estes três aspectos. A cidade turística é um composto orgânico no qual aspectos cósmico e prático estão associados de forma simbiótica, evidenciando pulsões vitais, nas quais, estão diferentes interesses e intenções políticas, empresarias e humanas que estabelecem dinâmicas reticulares da cultura. De acordo com Marcuse (2013), nestas dinâmicas, situam-se polos antagônicos – prazeres e angústias, alegrias e lamentos, liberdade e dominação, trabalho e ócio, riqueza e miséria... – que podem impulsionar os seres humanos a buscas contínuas pelo desenvolvimento pessoal e socioeconômico bem como a vivenciar alteridades.

As culturas emergem justamente nestes processos de fricções e de construções coletivas. O turismo corresponde a uma cultura dotada de processos de expansão de realidades e de discursos performativos que geram um fluxo contínuo de atualizações identitárias. Nesta direção, considera-se, por meio da experiência de Salvador, que a utilização dos espaços da cidade pelos residentes para manifestar e construir tradições e realizar atividades cotidianas é a grande responsável pela atração de turistas, pois é este movimento que constitui as baianidades soteropolitanas.

Moura (2001), Sá (2006) e Guerreiro (2005) consideram que a ideia de baianidade representa o sentimento de diferença que baianos têm em relação ao resto do país e do mundo. Nela, estão discursos performativos que indicam a experiência concreta das pessoas que interagem em Salvador e recôncavo baiano, consensos políticos e relações socioeconômicas nas quais estão as disputas por poder e dominação. Neste movimento, estão possibilidades de negociações das representações mentais e objetivos do cotidiano da cidade no mercado nacional e internacional do turismo, como natureza, arquitetura, artes, manifestações populares e demais recursos culturais.

Este processo coopera para a formulação de conceitos sobre o lugar, constituindo delimitações daquilo que de fato atrai e prende (física e/ou afetivamente) residentes e turistas. Portanto, a baianidade turística é uma construção social e política que se apoia na interface entre as diferentes experiências e compreensões do soteropolitano sobre a cidade, associando aspectos cósmico, prático e orgânico. Trata-se de um discurso performativo, que representa a região metropolitana e o recôncavo, instituído a partir da apropriação de tradições, manifestações populares e cotidiano dos soteropolitanos ao calendário de eventos e roteiros turísticos criado pelos poderes públicos desde a década de 1970.

Os principais eventos do calendário turístico de Salvador são construções culturais dos soteropolitanos que produzem elementos de atração de estrangeiros, mas não foram criados especificamente para o turismo. Porém, na correlação com Alves e Borges (2020), pode-se dizer que estes movimentos espontâneos ativam a hospitalidade da cidade, habilitando-a a assumir também a identidade de destino turístico.

De acordo com Getz (2008, p. 403), há eventos que exercem papéis preponderantes para a “construção da comunidade, desenvolvimento urbano e cultural, renovação, fomentando identidades nacionais” [Tradução da pesquisa]. No entanto, a associação de estratégias operacionais da produção de eventos à criação e fomento de estruturas de receptivo foram preponderantes para a consolidação das manifestações populares de Salvador como atrativos e produtos turísticos que passaram a integrar e a dinamizar o segmento de eventos.

Este movimento foi responsável pelo desenvolvimento de uma expertise local de produção de eventos. Na perspectiva de Hall e Williams (2008), tais processos produtivos construídos ao longo da história cooperam para a produção de sistemas regionais de inovações, pois se atualizam tanto a partir das próprias modificações do comportamento dos residentes quanto das metamorfoses mundiais. Assim, permitem a incorporação contínua de elementos de representação da contemporaneidade à cultura turística local.

Getz (2008, p. 405) explica que “turismo de eventos corresponde a todos os eventos planejados em uma abordagem integrada para desenvolvimento e para o mercado” [Tradução da pesquisa] e deve ser visto tanto do lado da demanda quanto da oferta. Nesta direção, a produção de eventos para integrar o calendário turístico do destino deve considerar elementos que compõem os aspectos cósmico, prático e orgânico.

Estes não apenas atribuem sentidos turísticas à cidade como também definem o seu poder competitivo. Ressalta-se, com base em Mazaro (2018), que a competitividade é uma característica inerente aos sistemas turísticos e não é determinada pelo mercado ou pela concorrência. São antes dependentes dos processos de reavaliações realizadas por produtores da cultura que culminam nas metamorfoses dos sistemas turísticos.

A interface entre manifestações populares e estratégias operacionais permitiu ao governo municipal de Salvador a criação de uma expertise que culminou na construção de um modelo próprio de produções de atividades e negócios turísticos, o que está demonstrado nos resultados e discussões (quarto tópico deste artigo). Antes, a seguir, apresentam-se o método e procedimentos operacionais que possibilitaram a conexão entre a literatura, objeto e o objetivo desta investigação.

DINAMICIDADE DOS FENÔMENOS CULTURAIS NA AMBIÊNCIA DOS EVENTOS FESTIVOS DA CIDADE DE SÃO SALVADORA -BA

Fundada em 29 de março de 1549, pelo primeiro governador-geral do Brasil, Thomé de Souza, Salvador já nasce cidade: a cidade-fortaleza de São Salvador, a primeira capital do país. Seu processo de urbanização seguiu o modelo padrão de cidades costeiras portuguesas, adaptando o desenho urbano à natureza. Por conta da topografia, explica Silva (2005), Salvador foi dividida em Cidade Alta, concentrando até os dias atuais poderes políticos, econômicos e religiosos; e Cidade Baixa, local de atividades portuárias e de comércio popular.

De acordo com dados oficiais¹, cerca de 80% dos residentes da capital baiana se declaram afrodescendentes. Com uma população de quase 2,7 milhões de habitantes, Salvador é a cidade com o maior contingente de pessoas negras do mundo fora do continente africano. Esse universo populacional tem sua origem, no período colonial, por conta do processo de escravidão. Pesquisadores como Sá (2006) e Guerreiro (2005) verificam que, ao longo da história, estes processos se reverteram paulatinamente em movimentos de resistência, autoafirmação, manifestações sociais, interfaces religiosas, produções culturais e movimentos sociais que se tornaram rituais cotidianos, associados a subempregos, segregações e discriminações étnicas.

Esse movimento fomentou a construção da baianidade turística, apropriada ao discurso político a partir de 1968, com a criação da Superintendência de Fomento ao Turismo no Estado da Bahia (Bahiatursa), pelo governo do Estado (Silva, 2005). Neste âmbito, nota-se que a correlação entre os elementos cósmico, prático e orgânico do destino Salvador, propõe análises, correlacionando práticas sociais e processos históricos, permitindo a construção de um de discurso crítico-dialético.

De acordo com Martins (1994) e Paulo Netto (2011), o método instaurado por Karl Marx no século XIX, propõe o desenvolvimento de uma lógica interna da investigação na perspectiva de fomentar articulações entre teorias e objeto. Por esta, definiram-se como amostragem do objeto ‘manifestações populares que integram o calendário turístico da capital baiana’, a Lavagem do Bonfim e o Festival Virada Salvador.

A Festa do Bonfim, além de ser o segundo maior evento do destino em número de pessoas depois do Carnaval, representa uma das mais antigas manifestações populares da capital baiana, marcada pela interface entre o catolicismo e religiões de matriz africana e pela relação explícita entre sagrado e profano, que são elementos de representação da baianidade turística. O festival é uma manifestação contemporânea já consolidado como atrativo e representa a expertise da Prefeitura Municipal em estruturar manifestações populares como eventos turísticos.

Assim, com o objetivo de discutir como o movimento de residentes coopera para a produção da cultura turística do destino, definiram-se como procedimentos operacionais, além da pesquisa bibliográfica, apresentada na revisão de literatura, entrevista ao então secretário municipal de Cultura e Turismo de Salvador, observação participativa nos eventos do calendário municipal e pesquisa documental. A pesquisa bibliográfica traz fundamentos para que sejam estabelecidas relações entre as especificidades do objeto e o objetivo da investigação, no sentido de contribuir com uma perspectiva genuína com a área do estudo.

Partiu-se do princípio “de que, ao iniciar-se uma nova pesquisa acadêmica, tudo o que está sendo discutido, publicado e gerado de conhecimento nessa linha de pesquisa deve ser mapeado para a construção do conhecimento a ela relacionado” (Treinta *at all*, 2014, p. 508). Como este artigo é recorte de uma pesquisa mais ampla sobre a produção da memória

¹ Painel de informações: dados socioeconômicos do município de Salvador por bairros e prefeituras-bairro/Sistema de Informações Geográficas Urbanas do Estado da Bahia (INFORMS - Organizador). 5ª ed. Salvador: CONDER/INFORMS, 2016.

turística do residente de Salvador, os referenciais teóricos foram consultados entre os anos de 2016 até a sua estruturação para encaminhamento a este veículo, neste ano de 2021.

A entrevista ao gestor público ocorreu na sede do órgão (Bairro da Graça, s/n), no dia 11 de abril de 2017, com questões semiestruturadas referentes à relação entre cultura e turismo, principais aspectos do turismo de Salvador e preparativos para o receptivo. De acordo com Martins (2004), as entrevistas semiestruturadas por serem flexíveis permitem ao pesquisador formular inusitadas questões em completude àquelas programadas no roteiro, na medida em que a fonte vai apresentando suas argumentações, ampliando as contextualizações sobre o objeto. Efetuou-se pesquisa documental em instrumentos oficiais e notícias jornalísticas para coletar dados que ratifiquem e atualizem informações concedidas pelo entrevistado.

Com a mesma finalidade, realizou-se observação participativa nos eventos instituídos como turísticos pela prefeitura, destacados pelo secretário municipal. Os eventos têm início em 04 de dezembro, com a festa de Santa Bárbara, e são finalizados em 29 de março, com a festa de fundação de Salvador. O procedimento foi realizado nos verões 2017- 2018 e 2018-2019. Martins (1994) pondera que a estratégia permite ao pesquisador partilhar de experiências no ambiente estudado. A seguir, apresentam-se resultados e discussões da pesquisa.

APEGO ÀS TRADIÇÕES E INOVAÇÕES REPRESENTAM A CULTURA TURÍSTICA DE SALVADOR

Salvador é um centro receptivo marcado por contínuos processos de transformações sociais e inovações cujo desenvolvimento turístico está intrinsecamente relacionado ao universo existencial do residente. Nas tradições e práticas cotidianas do soteropolitano, governo e *trade* encontram renovações de representações mentais e objetivos dos movimentos cotidianos que cooperam para atualizações do turismo. Na visão do secretário municipal de Cultura e Turismo, é esta dinâmica que estabelece a relação entre cultura e turismo.

Tem alguns aspectos de atração turística que envolve questões da história, da cultura local; e Salvador, em particular, possui diversos fatores de atração turística como, por exemplo, as belezas naturais, sol e praia, como uma das motivações do turismo e lazer; ainda, no sentido de turismo de lazer, um calendário de festas populares, com força suficiente para atrair a atenção de visitantes, não só pelo aspecto da dimensão, mas também daquilo que envolve o sincretismo religioso, as manifestações artísticas e culturais; a expressão maior da festa, o Carnaval. (Secretário de Cultura e Turismo, 2017, entrevista para a pesquisa).

De acordo com o gestor, as principais datas festivas da cidade e, por consequência, que integram o calendário de eventos turísticos, têm início em quatro de dezembro, quando se comemora, a Festa de Santa Bárbara, que na interface religiosa, corresponde à Iansã, a orixá dos ventos e trovões; segue em oito de dezembro (Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade, que corresponde a Oxum, a orixá das águas doces); em seguida são

realizados eventos de Natal e o *Réveillon*, que desde o ano de 2013, foi transformado em Festival Virada Salvador.

Após o *Réveillon*, têm inícios os ensaios preparatórios para o Carnaval dos blocos afros (Ilê Ayê, Olodum, Cortejo Afro, Muzenza, Malê de Balê, Filhos de Gandhi), e de artistas do *axé music*, constituindo os ‘ensaios de verão’. Em janeiro, celebra-se o Senhor do Bonfim e em dois de fevereiro, as homenagens são para Iemanjá, a orixá das águas salgadas, a Rainha do Mar. Em seguida, ocorre o Carnaval; e no final de março, encerra-se o calendário turístico oficial, com o Festival da Cidade, em comemoração à data de fundação de Salvador. Este ainda se configura como um evento local (Getz, 2008), criado, em 2012, pela prefeitura municipal, encontra-se em fase de consolidação como atrativo turístico.

Este calendário mostra a importância da apropriação de elementos da história, experiências cotidianas e compreensões sobre a contemporaneidade dos soteropolitanos para a produção de eventos turísticos. Também coopera para estimular a percepção do residente sobre a própria cultura, já que estes eventos revelam a dinâmica e conflitos locais. Associadas às manifestações populares, estão ações governamentais e de empresários para organização do receptivo. Nestes eventos, estão aspectos cósmico, prático e orgânico que atribuem à Salvador a qualidade de cidade turística.

É o que se nota na Lavagem do Bonfim, manifestação que começa em janeiro de 1773, quando membros da ordem ‘Devoção do Senhor Bom Jesus do Bonfim’, ordenavam os negros escravizados a lavarem e ornamentarem o Santuário do Bonfim, preparando-o para a festa em homenagem ao santo. Como não podiam praticar sua religião livremente, os negros escravizados lavavam a igreja com o ‘banho de cheiro’ (banho fluidificado), formado pela infusão de flores brancas, alfazema e boldo, na água. A mistura integra o ritual de reverência a Oxalá, o orixá da energia da criação e indica o processo de interface entre catolicismo e religiões de matriz africana.

O ritual se constituiu como um cortejo, sempre em janeiro, seguindo o calendário católico. Vestidos de branco (a cor da indumentária de Oxalá), os fiéis seguem um percurso de oito quilômetros pela Cidade Baixa, partindo da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, localizada no Bairro da Comércio, até a Igreja do Senhor do Bonfim, na Sagrada Colina, no bairro que leva o nome do santo.

Durante observação participativa, constatou-se, logo cedo, a partir das 06h00, a concentração de soteropolitanos e turistas no entorno do santuário ponto de partida do ‘evento-ritual’. Por volta das 07h00, tem início o culto de interface religiosa que reúne, na sacada do templo, representantes das religiões católica, de matriz africana, protestante, kardecista, entre outras. Após o ato, as ‘baianas’ (candomblecistas vestidas com a tradicional roupa branca) dão início ao cortejo, em direção à Sagrada Colina.

Para ‘abrir os caminhos’, antes de saírem, as religiosas jogam o banho fluidificado no entorno, representando um movimento de lavagem espiritual. Em seguida, saem as comitivas da Prefeitura de Salvador e do Governo do Estado, acompanhados de membros partidários, legisladores, militantes, clques políticos, repórteres, representantes de instituições sociais, devotos, grupos culturais, músicos, *performances*, atletas, curiosos, foliões... e turistas.

Este ritual é uma representação mental que integra o aspecto cósmico de Salvador. Por ele, é possível perceber a atmosfera mística, miscigenada e festiva que compõe a áurea de encantamento da cidade. A ordem de saída do cortejo, por exemplo, sugere que as religiosas estão purificando a energia do ambiente e pedindo proteção e orientação aos santos católicos e orixás do candomblé para os governantes conduzirem bem a cidade durante todo o ano, e que a população tenha êxitos em suas perspectivas.

Por toda a manhã e início da tarde, o cortejo segue pelas ruas da Cidade Baixa em direção à Sagrada Colina. Com o *slogan* ‘quem tem fé vai a pé’, todos, ao seu modo, percorrem os oito quilômetros de distância entre os templos católicos. No caminho, estão representações objetais que contam a história da colonização e desenvolvimento de Salvador, como o Mercado Modelo, casarões coloniais, prédios onde funcionaram os primeiros hotéis e imóveis da arquitetura contemporânea.

Na maior parte do percurso, é possível contemplar a Baía de Todos os Santos e perceber o movimento náutico de Salvador, visto que, na Cidade Baixa, concentram-se atividades portuárias. Outras representações da baianidade turística que podem ser vivenciados durante o cortejo são a Feira de São Joaquim, Estação de Trem da Calçada, que faz a ligação entre a Cidade Baixa e a Região Suburbana, e o Santuário da baiana canonizada como a primeira santa brasileira, Santa Dulce, localizado no Largo de Roma, distante cerca um quilômetro e meio do destino final.

Durante o trajeto, ocorrem rituais sagrados e profanos. Durante o cortejo é possível ver devotos fervorosos pagando promessas de joelhos, andando de costas, carregando flores, acenando lenços brancos e, às vezes, chorando de emoção. Há também os que vão em silêncio e aqueles que incorporam entidades das religiões de matriz africana. No entanto, não faltam blocos com músicas populares, especialmente samba de roda, danças que simulam erotismo, além de interações afetivas.

Em todos o percurso, há bares e restaurantes abertos e se encontram vendedores ambulantes de bebidas e comidas. A prefeitura organiza uma estrutura de receptivo específica para o evento, incluindo ordenamento do trânsito, disponibilização de sanitários químicos, esquema especial de saúde, iluminação e de limpeza públicas, equipes de informação ao turista e de fiscalização sanitária. A Polícia Militar, Guarda Costeira e Corpo de Bombeiros também possuem operações próprias para a festa. Tais ações representam o caráter prático da cidade.

Aqueles que chegam à Sagrada Colina amarram uma Fitinha do Bonfim no gradil do entorno do templo, dando três nós – cada nó permite um pedido. Dias depois, as fitas são retiradas, por religiosos voluntários, e queimadas em oferta ao santo (mas, durante todo o ano, fiéis e turistas, que vão ao templo, deixam suas fitas e pedidos no gradil). Entre o final da manhã e início da tarde, as baianas iniciam a lavagem das escadarias da Igreja do Bonfim, marcando o processo de energização e preparação da cidade para enfrentar os desafios do ano.

Mas a festa não finda com a lavagem das escadarias. Religiosos permanecem na Sagrada Colina ‘benzendo’ fiéis, enquanto uma multidão consome músicas, bebidas e danças profanas. Empresários do setor do entretenimento e receptivo turístico apropriam-se da data para promoverem eventos fechados, com *shows* musicais e feijoada, o prato tradicional do

dia lavagem, no Bairro do Bonfim que, por sua vez, está relacionado à alimentação servida aos negros nas senzalas, no período escravocrata.

De acordo com o Correio da Bahia (2019), a Lavagem reuniu aproximadamente dois milhões de pessoas, em 2019, somando residentes e turistas, em um dia que não é feriado na cidade. O número de pessoas corresponde à mais da metade da população de Salvador, o que representa a importância do evento, cuja história é constituída por contínuas mudanças e inovações.

Segundo Silva (2005), políticos começam a participar do cortejo com suas caravanas, a partir da década de 1970, quando o governo entende a sua potencialidade para aproximar-se da população e para atrair turistas. A partir deste período, trios elétricos começam a desfilar na Lavagem, fazendo um Carnaval, o que ocorre até o final da década de 1990, quando o movimento é interrompido, por ação de órgãos de proteção ao patrimônio e da Igreja. O alto volume do som estava abalando a estrutura dos imóveis que integram o conjunto arquitetônico tombado como patrimônio histórico. Além disso, a prática estava ‘desvirtuando’ o sentido religioso da festa (Folha de São Paulo, 1998).

Outra tradição extinta, foi o desfile de carroças enfeitadas puxadas por jegues, em 2011, conforme determinação do Ministério Público (Uol Notícias, 2011). A medida atendeu à solicitação de associações locais protetoras dos animais. Até o ano de 2010, a prefeitura municipal promovia o ‘Concurso da Carroça mais Enfeitada da Lavagem’, do qual participavam grupos folclóricos da cidade. A atividade era tão intrínseca à cultura local, que ainda se utiliza, em Salvador, a expressão ‘jegue de lavagem’ para se referir a uma pessoa muito enfeitada, conotando tanto um elogio quanto uma ironia.

No movimento cíclico da cultura, como observa Hall (2003), enquanto umas tradições se dissolvem outras surgem. A partir do ano de 2010, os minitrios do cafezinho começaram a desfilar na Lavagem do Bonfim, reunindo pequenos grupos de ‘fiéis-foliões’. A prática se tornou tão corriqueira que no ano de 2018, a Prefeitura Municipal realizou um concurso dos minitrios do cafezinho (TV Salvador, 2018). A novidade atualiza, de certo modo, as duas tradições extintas, seguindo parâmetros de órgãos de proteção ao patrimônio e aos animais bem como ‘ponderações’ da própria igreja.

Com explicam Costa, Mazaro e Alves (2019), os minitrios do cafezinho, originalmente criados para auxiliar o transporte das garrafas térmicas de café e leite comercializados pelas ruas da cidade, evoluíram de uma plataforma sobre rodas, adaptada a um volante que auxiliava a condução. Com o tempo, ganharam coloridos e adereços até serem transformados em pequenos trios elétricos, com uma potente qualidade sonora. Mas não deixaram a função original de comercialização. Ao contrário, diversificaram a oferta com diferentes *souvenires*.

Outra prática que está virando tradição no evento é a utilização do transporte marítimo para fazer o percurso de volta. Após o ritual da lavagem das escadarias, lanchas devidamente equipadas com insumos de segurança e com autorizações legais, fazem o trajeto entre os bairros do Bonfim e da Barra, pela Baía de Todos os Santos. Os veículos são transformados em ‘camarotes marítimos’, oferecendo música, bebidas, comidas e paradas para mergulho.

Pela perspectiva de Hall e Willians (2008), considera-se que estas transformações em torno da Lavagem do Bonfim constituem um sistema de inovações, gerando, como observa

Mazaro (2018), uma cadeia de negócios turísticos, que representa o aspecto prático da cidade e aponta para a construção da cultura turística. Como propõe Eagleton (2005), a cultura é um processo, portanto, o movimento de criação, transformações e consolidação da Lavagem do Bonfim como evento turístico representa o caráter orgânico da cidade de Salvador, no qual os aspectos cósmico e prático atribuem sentidos turísticos às manifestações dos residentes.

No evento, estão signos que representam baianidade turística e ratificam que os sentidos do destino são produzidos pelo residente (Cooper, Hall e Trigo (2011)). Da construção da Lavagem do Bonfim à sua consolidação como evento turístico, há um conjunto de representações mentais e objetivos do movimento dos soteropolitanos e de suas relações com o mundo. Religião, política, economia, música, dança, inovações e demais características da festa se reproduzem no dia a dia do soteropolitano e estão presentes em outras manifestações do calendário turístico da prefeitura municipal, como o Festival Virada Salvador.

De acordo com o secretário municipal de Cultura e Turismo entrevistado, este é um evento planejado que reúne em seu *modus operandi* tradições e demandas contemporâneas do soteropolitano. Até a década de 1990, o *Réveillon* de Salvador poderia ser classificado como um evento local (Getz, 2008). O gestor considera que até este período, o evento não tinha força de competitividade turística, pois era voltado basicamente para residentes. Com a ampliação do fluxo turístico em Salvador a partir da década de 1990, a festa foi expandindo suas dimensões, e passou a assumir maior notoriedade regional e nacional. No início da década de 2000, a cantora Daniela Mercury cria o projeto independente 'Por do Som', no dia 1º de janeiro. A artista passou a aproveitar a infraestrutura montada pelo governo para realizar *shows*, com convidados de diferentes gêneros musicais.

Por outro lado, produtores de eventos intensificaram o investimento em festas privadas, oferecendo *buffer* requintado e variadas atrações musicais, na noite da virada. O *réveillon* soteropolitano passava a oferecer diferentes eventos em dois dias. As festas públicas e privadas do 31 de dezembro e o 'Por do Som' começaram a fomentar expectativas dos residentes que não precisavam mais sair de Salvador para participar de diferentes eventos. A dinâmica exigiu do governo melhor organização e planejamento da festa, cuja logística, a cada ano, se tornava mais complexa, pois aumentava o fluxo de residentes e turistas.

Por essa razão, o secretário municipal de Cultura e Turismo explicou a iniciativa da gestão municipal (que atuou entre 2013 e 2020) de ampliar a dimensão da festa, desde 2013, denominando-a Festival Virada Salvador. Foi montada uma arena específica para o evento, na orla marítima, no Bairro da Boca do Rio, situado em uma região da cidade instituída como Zona de Interesse Turístico (ZIT), de acordo com a Lei Municipal 9069/2016 que dispõe sobre o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Salvador (PDDU).

O espaço foi denominado de Arena Daniela Mercury, em 2015, por conta de um Projeto de Indicação de uma legisladora local, que reivindicava o reconhecimento do papel das cantoras do *axé music* como produtoras culturais e indutoras do turismo. O ato ratifica a relação entre movimentos políticos e a construção da dinâmica turística, pontuado por Costa (2017). Além da denominação, o evento produzido pela artista foi incorporado à programação

oficial. Ao festival, também foram inseridos produtos como camarotes, parques temáticos e praça de alimentação, administrados pela iniciativa privada.

O evento passou a ocorrer em cinco dias (28/12 a 1º de janeiro), reunindo diversos gêneros musicais – do *axé music* ao *rock in roll* –, seguindo preferências do público alvo (residentes e turistas). Com isso, a gestão intensificou a divulgação da festa nos centros emissores. Segundo o Correio da Bahia (2018), nos cinco dias do *réveillon* de 2018 para 2019, Salvador registrou 100% de ocupação da rede hoteleira, confirmando-se como um evento regional de marca registrada, segundo classificação de Getz (2008). De acordo com a reportagem, os 40 mil leitos dos hotéis, pousadas e albergues de Salvador foram ocupados. Gerou-se uma circulação de cerca de R\$ 500 milhões na economia local.

Tal qual o Lavagem do Bonfim, o festival reúne operações singulares que envolvem política, economia e movimentos populares que dinamizam o cotidiano de Salvador. Estes elementos se reproduzem em outras manifestações populares. Como explica Moura (2001), nos preparativos para o Carnaval, a partir da década de 1970, blocos afros realizavam seus ensaios em espaços abertos ao público, em dias específicos da semana.

Os próprios moradores das comunidades integravam (ainda integram) a banda, corpo de balé e equipe de produção destes grupos. Geralmente, os ensaios ocorriam após o expediente de trabalho, o que possibilitava aos transeuntes (maioria moradores do próprio bairro e dos circunvizinhos) pararem para observá-los.

Com o tempo, o movimento virou uma atividade cultural das comunidades. O público foi se consolidando e os ensaios foram se convertendo em festas de verão ('ensaios de verão'). A dinâmica se materializou como um movimento cultural de Salvador e começou a atrair turistas, especialmente com o fortalecimento da competitividade do Carnaval, a partir do final dos anos de 1985, de acordo com (Costa, Mazaro e Alves, 2019).

O processo acabou por exigir infraestruturas de receptivo tanto das organizações promotoras dos eventos, que desenvolveram um planejamento lógico e operacional para os ensaios, quanto dos poderes públicos, que tiveram que montar serviços específicos de infraestrutura de receptivo (iluminação, ordenamento do trânsito e de comerciantes, segurança, entre outros). A prática inspirou artistas do *axé music* a realizarem seus ensaios de verão que se consolidaram como importantes atrativos e produtos turísticos. De domingo a domingo, durante a alta estação, há pelo menos, um ensaio de um grupo musical, por dia, em Salvador.

Esta expertise fortaleceu a ideia de baianidade turística, importante para atração de congressos, feiras, reuniões entre outras realizações inseridas no segmento de turismo de eventos. Principalmente, é fundamental para o desenvolvimento do sistema de inovações turísticas de Salvador. Nesta baianidade, estão modos de vida cotidianos dotados de alegria, sol e praia, liberdade, misturas, inovações, hospitalidade e conflitos sociais que se reproduzem nas manifestações populares, festas religiosas, ensaios de verão e no próprio Carnaval.

Tudo isso gera um movimento do soteropolitano capaz de suscitar desejos de habitantes de outros lugares em conhecer a cidade, provocando fluxos de pessoas, representações do lugar e moedas. Assim, é produzida a dinâmica da cultura turística.

A cultura turística corresponde à totalidade de processos sociais, políticos, econômicos, estruturais, tecnológicos e informacionais que ocorrem em um local, fomentando continuamente formulações perceptivas, interativas e cognitivas de residentes que criam um sistema de signos, efeitos mentais e interpretantes capaz de atrair pessoas de outros lugares. Assim, reveste-se de virtualidades, gerando cidadãos ao mesmo tempo globalizados e individualizados, por meio de um movimento que atualiza continuamente memórias de anfitriões e visitantes sobre o lugar. (Costa, 2020, p. 114)

Ao se constituir como uma cultura específica, o turismo possibilita a construção de discursos performativos que delimitam suas fronteiras, reunido história da cidade e experiências da população. Pois, os discursos só produzem sentidos se estiverem materializados na cultura. “São as coisas mesmas e os acontecimentos que se tornam insensivelmente discurso, manifestando o segredo de sua própria essência” (Foucault, 2007, p. 48-49). Por isso, ratifica-se, com Silva (2005), que o processo de construção do discurso de baianidade turística, pelo poder público, tem início com a criação da Bahiatursa.

Com o órgão, tradições e comportamentos populares foram adequados ao processo de planejamento e comunicações turísticas de Salvador. Entre as principais ações, destacaram-se a implementação de equipamentos, como o Centro de Convenções, na década 1970, a promoção de incentivos fiscais para atração de empresas do *trade* e de públicos do turismo de eventos, além da concepção da campanha ‘Bahia, Terra da Felicidade’, inspirada em uma canção de título homônimo, composta por Dorival Caymmi, na década de 1930.

O governo passou a dissipar uma baianidade turística cujas representações mentais e objetais foram extraídas do cotidiano popular. Culinária a base do dendê, musicalidade percussiva, biótipo e estética da população afrodescendente, religiosidade, capoeira e samba de roda, alegria, festas, sensualidade, hospitalidade, natureza exuberante, patrimônio histórico e capacidade de inovações tornaram-se representações de Salvador, reproduzidos nas manifestações populares instituídas como eventos turísticos. Tais imagens também compunham a literatura baiana, como a produção amadiana, que teve obras adaptadas ao teatro, cinema e TV.

Por meio da organização dos elementos culturais produzidos pelo movimento do soteropolitano em linguagens midiáticas, o governo passou a dissipar o discurso de baianidade turística, atribuindo à Salvador e à sua população caráter bucólico, pitoresco, festeiro, irreverente, acolhedor, místico, sensual, entre outros atributos que se reproduzem e se atualizam na contemporaneidade. Ao reunir estes elementos para a promoção da cidade, o governo constrói um discurso performativo que ultrapassa a simples transmissão de informações, atingindo subjetividades, emoções e desejos dos interlocutores (Bourdieu, 1998). Ou seja, o governo constrói uma realidade turística, reunindo aspectos cósmicos, práticos e orgânicos da cidade.

A utilização de representações mentais e objetais extraídas do cotidiano local nesta construção constitui as fronteiras da cultura turística. Mas estas delimitações não são estruturas fechadas, pois toda fronteira é lugar de negociações. Nas fronteiras turísticas, estão dimensões espaciais, temporais e sociais da vida real. Por isso, as manifestações populares são suscetíveis de mudanças e dotadas de conflitos ideológicos, econômicos e políticos entre cidadãos e organizações que dinamizam a cultura.

Estas fronteiras estabelecem as relações do destino com o mundo exterior, o desenvolvimento de processos de inovações e, principalmente, a continuidade e adequação do discurso inicial à contemporaneidade. Esta continuidade do discurso e suas diferentes performances são possíveis porque Salvador assumiu em seu cotidiano o desenvolvimento dos aspectos cósmico, prático e orgânico que a qualificam como cidade turística. Portanto, reitera-se que os sentidos da cultura turística são definidos pelos movimentos do residente.

CONSIDERAÇÕES

Compreende-se a cidade turística como um composto orgânico que reúne de modo simbiótico elementos que geram encantamentos (aspecto cósmico) às infraestruturas que permitem a realização de experiências coletivas (aspecto prático). Estes fatores são produzidos pelo movimento cotidiano do residente e se reverberam como elementos identitários da cultura turística, reproduzidos em atrativos e produtos que integram o calendário de eventos. No movimento do residente, estão representações mentais e objetivas que alimentam e atualizam a cultura turística, permitindo a produção de discursos performativos.

Por esta direção, o artigo considera o turismo como uma cultura complexa que emerge do movimento do residente. Destaca-se que os principais eventos que integram o calendário turístico instituído pela prefeitura municipal são, antes de quaisquer fatores, manifestações populares, por meio das quais é possível identificar aspectos cósmico, prático e orgânico que qualificam a cidade como um destino turístico. Da Lavagem do Bonfim, uma das invenções mais antigas, ao Festival Virada Salvador, uma tradição da contemporaneidade, são todos frutos de construções coletivas das comunidades e existem com ou sem turistas.

Por ocorrerem em diferentes áreas da cidade, permitem a conexão com a natureza, com o patrimônio material, com os aromas, sabores e toda a diversidade cultural que dinamiza Salvador. Estas 'manifestações populares/eventos turísticos' revelam movimentações de residentes, dinâmicas urbanas e operações diversas que atribuem sentidos turísticos à capital da Bahia. Desse modo, são possíveis a construção de discursos performativos, a delimitação da baianidade turística bem como a criação de sistemas de inovações, por meio dos quais se atualizam posicionamento e poder de competitividade do destino.

REFERÊNCIAS

- Alves, V. J. R. & Borges, L. R. (2021). *As rodas de samba do Club do Compositor como lugares de vivência da hospitalidade no distrito federal brasileiro*. Ateliê do Turismo. Campo Grande / MS, v. 5, n. 1, p. 22-41, jan – jun.
- Bourdieu, P. (1998). *O poder simbólico*. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Certeau, M. de. (1999). *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. 4 ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes.
- Conder/Informs (2016). *Painel de informações: dados socioeconômicos do município de Salvador por bairros e prefeituras-bairro/Sistema de Informações Geográficas Urbanas*

- do Estado da Bahia*. Informs - Organizador. 5ª ed. Salvador. Conder, 15/09. Disponível em: www.encurtador.com.br/hwPX7 Acesso em 12 de outubro de 2017.
- Cooper, C; Hall, C. M. & Trigo, L. G. G. (2011). *Turismo Contemporâneo*. Rio de Janeiro. Elseiver.
- Correio da Bahia (2019). Que Bonfim é esse? Festa reúne 2 milhões de pessoas e bate recorde Disponível em: www.encurtador.com.br/tOZ18 Acesso em 22 de agosto de 2020.
- Correio da Bahia (2018). *Réveillon de Salvador tem ocupação de 100% nos hotéis da capital*. Disponível em: www.encurtador.com.br/ewCQ6 Acesso em 15 de março de 2019.
- Costa, M. B. F. (2020). *Produção de memórias turísticas de residentes por meio da Fanpage da Prefeitura de Salvador-BA*. Tese (doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Programa de Pós-Graduação em Turismo. Disponível em <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/29346> Acesso em 04 de junho de 2021.
- Costa, M. B. F. (2017). *Reflexões sobre cultura turística em tempos de revolução digital a partir de contextualizações sobre Salvador-BA*. IN: Revista Desenvolvimento e Turismo. Aveiro-PT. N. 27/28, p. 425-434
- Costa, M. B. F. (2017a). *Tecnologia, cultura e turismo. Potencialidades e complexidades de Porto Seguro-BA na era da cibercultura*. Mauritius: Novas Edições Acadêmicas. Disponível em <https://ciberculturaeturismo.wixsite.com/meusite/artigos> , Acesso em 12 de abril de 2020.
- Costa, M. B. F.; Mazaro, R; Alves, M. L. B. (2019). *O Sistema Regional de Inovações do Trio Elétrico e o fomento ao turismo em Salvador-BA: da Fubica ao imaginário da cibercultura*. Revista Brasileira de Turismo. São Paulo, 14 (1), p. 73-91, jan./abr.
- Eagleton, T. (2005). *A ideia de cultura*. São Paulo: Unesp.
- Folha de São Paulo (1998). *Sem trio elétrico, cai público da festa de lavagem do Bonfim*. Disponível em: www.encurtador.com.br/vHU17 Acesso em 21 de agosto de 2020.
- Foucault, M. (2007). *A ordem do discurso: aula inaugural no College de France*. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 15. Ed. São Paulo: Loyola.
- Getz, D. (2008). *Event tourism: definiton, evolution, and research*. Tourism Management. V. 29. N. 3, p. 403-428.
- Guerreiro, G. (2005). *A cidade imaginada: Salvador sob o olhar do turismo*. In: Revista Gestão e Planejamento. Salvador: ano 6, n. 11, jan./jun. p. 06-22.
- Hall, S.. (2003). *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7 Ed. Rio de Janeiro: DP&A.
- Hall, C. M., & Williams, A. M. (2008). *Tourism and innovation*. London: Routledge.
- Lemos, A. (2001). *Cibercidades*. In: Lemos, A. & Palácios, M. As janelas do ciberespaço. Porto Alegre: Sulina, pp. 9-38.
- Lei 9069/2016. *Plano Diretor do Desenvolvimento Urbano de Salvador*. Disponível em: www.encurtador.com.br/klmU6 Acesso em 29 de agosto de 2020.
- Linchy, K. (1997). *A imagem da cidade*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes.
- Lohmann, G. & Panosso Neto, A. (2012) *Teoria do Turismo. Conceitos, modelos e sistemas*. 2 Ed. São Paulo: Aleph.

- Marcuse, H. (2013). *Eros e civilização. Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. 8 ed. Rio de Janeiro, LCT.
- Martins, G. de A. (1994). *Manual para elaboração de monografias e dissertações*. 2 ed. São Paulo: Atlas.
- Mazaro, R. (2018). *Outside in, inside out: tourism competitiveness and brazilian strategy analysis*. In: Journal of Tourism Management Research. Vol. 5, No. 1, pp. 68-80. In: encurtador.com.br/huHJ0 Access in: 10/02/19
- Ministério do Turismo. (2015). *Índice de competitividade do turismo nacional. Salvador*. Disponível em: encurtador.com.br/hjrvD. Acesso em 15 de março de 2020.
- Moura, M. A. (2001) *Carnaval e baianidade: arestas e curvas na coreografia de identidade no carnaval de Salvador*. Salvador: UFBA. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea, Universidade Federal da Bahia (UFBA).
- Paulo Netto, J. (2011). *Introdução ao estudo do método de Marx*. São Paulo: Expressão Popular.
- Ribeiro, D. (2005). *O povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil*. 2 Ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- Sá, N. C. de. (2006). *A Baianidade como Produto Turístico: uma análise da ação dos Órgãos Oficiais de Turismo na Bahia*. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). [Acesso em 14 de abril de 2018]. In: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1430-1.pdf> /.
- Silva, L. C. R. da. (2005). *Os meios de hospedagem de Salvador: distribuição espacial ao longo de sua história*. – Salvador. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em Geografia. Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia.
- TV Servidor. (2018). *Cortejo da Lavagem do Bonfim contará com desfile de 50 entidades*. Disponível em www.encurtador.com.br/ipFSX Acesso em 21 de agosto de 2020.
- Uol Notícias. (2011). *Justiça proíbe jegues na Lavagem do Bonfim em Salvador Bahia*. Disponível em: www.encurtador.com.br/txEX3 Acesso em 25 de agosto de 2020.

ⁱ Doutor em Turismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Mestre em Cultura & Turismo pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) E-mail: moabebreno@hotmail.com

ⁱⁱ Doutora em Sociologia pela Universidade do Estado de São Paulo (USP). Professora e Pesquisadora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: mluciabastos29@yahoo.com.br